

NARRAR A MINHA EXPERIÊNCIA OU COMO BUSCAR O LIRISMO EM TEMPOS DE INCERTEZAS

■ MARIA AMÁLIA DE ALMEIDA CUNHA

<https://orcid.org/0000-0002-0233-3883>

Universidade Federal de Minas Gerais

RESUMO

Este artigo, narrado em primeira pessoa, busca fazer uma metarreflexão da experiência vivida pela autora através do registro diário durante 63 dias ininterruptos durante a pandemia. A vivência deste processo percorreu três estados, chamados pela autora de aporia, maiêutica e epistemia. Como resultado, elege o conceito de ressonância como uma concepção fundamental da fenomenologia – “ser posto em um mundo” ou “reencontrar-se num mundo que possui sentido para nós”. Esse reencontro é percebido como o encontro do sujeito com o mundo. Pensar, refletir, escrever, narrar e contar outras experiências de ressonância talvez seja uma das saídas possíveis diante da aporia colocada pela pandemia.

Palavras-chave: Autobiografia. Fenomenologia. Autoexperiência.

ABSTRACT

NARRATING MY EXPERIENCE OR HOW TO SEEK LYRICISM IN TIMES OF UNCERTAINTY

This article, narrated in first person, seeks to make a meta reflection of the experience lived by the author through the daily record for 63 uninterrupted days during the pandemic. The experience of this process went through three states, called by the author as aporia, maieutic and epistemic. As a result, he chooses the concept of resonance as a fundamental conception of phenomenology - ‘being put in a world’ or ‘finding yourself in a world that makes sense to us’. This reunion is perceived as the subject’s encounter with the world. Thinking, reflecting, writing, narrating and telling other experiences of resonance is perhaps one of the possible solutions to the aporia posed by the pandemic.

Keywords: Autobiography. Phenomenology. Self-experience.

RESUMEN

NARRAR MI EXPERIENCIA O CÓMO BUSCAR EL LIRISMO EN TIEMPOS DE INCERTIDUMBRE

Este artículo, narrado en primera persona, busca hacer una meta re-

flexión de la experiencia vivida por el autor a través del registro diario de 63 días ininterrumpidos durante la pandemia. La experiencia de este proceso atravesó tres estados, llamados por el autor como aporía, mayéutica y epistémica. Como resultado, elige el concepto de resonancia como una concepción fundamental de la fenomenología: “estar en un mundo” o “encontrarse en un mundo que tiene sentido para nosotros”. Esta reunión se percibe como el encuentro del sujeto con el mundo. Pensar, reflexionar, escribir, narrar y contar otras experiencias de resonancia es quizás una de las posibles soluciones a la aporía planteada por la pandemia.

Palabras clave: Autobiografía. Fenomenología. Experiencia propia.

Introdução

Neste artigo, procuro problematizar a minha experiência de escrita cotidiana, durante 63 dias ininterruptos, no contexto da pandemia. A escrita no isolamento não foi um processo fácil, mas ao fim e ao cabo se mostrou como um processo de cura, um tempo de secar as feridas. A vivência deste processo produziu em mim uma espiral de interiorização da exterioridade e de exteriorização da interioridade e esteve guiada por uma espécie de metarreflexão orientada por três expressões do vocabulário grego, mas próprias da dimensão do humano: “aporia”, “maêutica” e “epistemia”. Foram esses três estados que nortearam o processo vivido como uma autoexperiência diante de um cenário excepcional, imposto pela crise da pandemia.

Foi nesse cenário que busquei encontrar meu lugar em um processo narrativo, onde o que parecia não ter mais caminho poderia, quem sabe, encontrá-lo. A busca por saídas em um cenário de muitas incertezas iniciou-se como uma espécie de assombro. Surgiram incertezas e medos que provocaram em mim um certo desconforto que repercutiu profundamente em meu estado emocional. O medo diante de uma ameaça invisível e nova, não organizada ainda por um saber próprio e cuja transmissão acontece de forma geométrica, impediu-me de mobilizar os recursos dispo-

níveis e necessários para enfrentar situações consideradas limítrofes.

Ainda sem recursos para avaliar a extensão e a profundidade de tamanha crise, escrever e analisar o vivido no curso de sua duração é a proposta deste artigo. Isso porque há indícios de que o confinamento se apresente como o maior experimento psicológico da nossa história recente, com grandes possibilidades que os efeitos trazidos por esse acontecimento se convertam para algum tipo de estresse pós-traumático.

Todos nós, com mais ou menos recursos, com mais ou menos precariedade, de certa forma, tivemos nossas rotinas alteradas de um dia para o outro e nos vimos submetidos a um nível de cobrança muito grande, como os profissionais da saúde, profissionais da educação, pessoas que não tiveram o direito de viver o confinamento, profissionais mulheres com filhos em idade escolar, jovens etc. A aceleração de novos tempos e ritmos de trabalho, a insegurança e a incerteza de dar início, por meio do trabalho remoto, a um exercício laboral diante do qual não estávamos preparados, a sensação de solidão, expressam parte dos sentimentos que nos acometem e que agudizam nossa fragilidade diante de um tempo de tantas incertezas.

Assim, por meio deste artigo, procuro traduzir um processo de autoexperiência atravessado pelas três dimensões do humano e que me acompanharam durante esta travessia de longas beiras.

A Aporia

A primeira dimensão sentida e narrada foi a aporia. Ela refletiu o meu estado de ser em um momento em que tudo parecia sair de seu lugar para agora ter de se enquadrar no cenário discreto e, por vezes, monótono, mesmo que acolhedor, da casa. Esta última foi palco de uma nova reorganização doméstica que agora deveria ser conjugada ao trabalho profissional.

Além disso, outro desafio foi narrar a minha experiência em um tempo de indelicadezas e incertezas no Brasil e no mundo. A narrativa se iniciou de uma forma árida, dolorosa e a escrita foi pouco a pouco se objetivando em uma narrativa como forma de expressão encontrada para impedir que a tristeza e a angústia parecessem maiores do que a capacidade de me reinventar. Se no início eu sentia dificuldade em ser sujeito do meu texto, com o passar dos dias, fui percebendo que aquele exercício poderia ser vivido como um processo de autoexperiência.

Sexta-feira, 20 de março de 2020

Hoje acordei disposta a criar estratégias psíquicas para enfrentar a pandemia: ansiedade pelo incerto, medo, isolamento etc. Fiquei pensando o quanto o trabalho ocupa um lugar absolutamente central em nossa vida e o quanto ele define o nosso estado de humor. Fiquei ligeiramente confusa, pois antes de vivenciar esta situação inédita, reclamava muito da falta de tempo em minha vida. Agora me vejo reclamando do excesso de tempo livre. Antes, a minha rotina impunha sérias limitações à minha vontade de ler, estudar, mergulhar no meu interior, agora acho ruim a falta de rotina. Enfim, realmente estou confusa. Talvez a situação de

excepcionalidade e de não ter controle sobre a situação é que me traz esta sensação [...].

Domingo, 22 de março de 2020

O dia no Brasil termina com o saldo de 1546 casos oficiais e o número de mortes passa de 18 para 25. Um dos principais jornais do Brasil, o *Folha de São Paulo*, publicou um artigo intitulado: 'O Covid-19 reforça a desigualdade brasileira'. A reportagem anuncia o primeiro caso oficial da doença na maior favela do Rio de Janeiro, a Cidade de Deus, na zona oeste da cidade, com indicadores sociais extremamente críticos e onde moram 40 mil pessoas. Para a autora da reportagem, essas pessoas são invisibilizadas pelo poder público, pelo noticiário, pelas reportagens, sem acesso à informação seja porque não leem, não enxergam ou enfrentam algo outro tipo de dificuldade que restringe o acesso à informação. Estar sem acesso à informação, termina o artigo, é '[...] viver sempre em desvantagem, é morrer todo dia, é viver se fingindo de morto'. A COVID-19 reforça essas vulnerabilidades e é por isso que é possível prever que essa doença fará mais vítimas entre a população para quem o acesso ao saber é distribuído desigualmente. Um pouco paralisada, fico imaginando a tragédia que nos espreita daqui há duas semanas. Ao mesmo tempo, faço um esforço enorme para não deixar que minha preocupação possa perturbar as crianças mentalmente. Embora eu permaneça como sempre muito 'ensimesmada', tento não demonstrar para os meus filhos a minha ansiedade. De nada adianta, porque, ao contrário dos vivos que morrem todos os dias por força do esquecimento, meus filhos são privilegiados e têm acesso a vários tipos de informação e sabem e ouvem o que está acontecendo no Brasil e no mundo.

Segunda-feira, 30 de março

"Ele estava tão só. Estava abandonado, feliz, perto do selvagem coração da vida". (James Joyce, 1998),

Relendo o livro *Perto do Coração Selvagem* de Clarice Lispector, deparei-me com a epígrafe acima e pensei: O que é estar perto do selvagem coração da vida?

Acho que sempre estivemos perto do coração selvagem da vida e agora, diante dessa pandemia, nunca esta percepção esteve tão evidente. Vivemos sempre no limite do desconhecido, das incertezas, das tragédias, dos nossos medos, da consciência de que somos finitos, imperfeitos, impotentes diante da selvagem grandeza da vida. Como Eros e Thanatos, as pulsões de vida e morte, embora antagônicas, segundo Freud, não existem de forma isolada, elas estão sempre trabalhando juntas, segundo o princípio de conservação da vida. Acho que estar perto do selvagem coração da vida é perceber que todos os dias tateamos o desconhecido e isso significa deambular entre a fronteira de vida e morte. Este momento particular tem me feito pensar muito sobre isso, sobre as questões existenciais que lidamos no dia a dia, mas que, pela falta de tempo e pela rotina que a vida nos impõe, não refletimos muito sobre elas. A quarentena exige de nós uma outra atitude, talvez uma atitude autrreflexiva.

Uma vez que venho tentando me adaptar ao modo *home office*, a imersão no domínio privado incita este tipo de reflexão. As demandas do trabalho chegam lentamente, porque elas refletem o resultado de uma dinâmica que agora não encontra lugar [...].

Terça-feira, 31 de março

Não consigo me expressar, ou melhor, não estou com vontade de falar. Tentei ser resiliente neste momento, mas não obtive sucesso. Estou vazia de palavras.

Assim, a minha narrativa foi por mim vivida como um processo de autoexperiência, no sentido de como Alfred Schutz (2018) a entende, ou seja, como uma forma de experimentar atributos totalmente distintos ao de uma biografia que se tem na vida cotidiana.

Ao escrever, estive sempre orientada por acontecimentos da rotina que suscitavam reflexões profundas sobre alguns não ditos e entreditos. A vivência da autoexperiência foi também um *tempo de espera*, semelhante a um processo de cura, de secar as feridas. Na espera, encontramos uma estrutura temporal

que nos impõe (BERGSON, 2011) e nesta estrutura percebemos a incongruência das várias dimensões temporais.

A sucessão de acontecimentos do mundo exterior se impôs ao meu ritmo temporal biográfico. Todos os interlúdios, atos parciais, sem importância, que antes eu poderia deixar de lado, transformaram-se em elementos necessários durante o meu processo narrativo. Foram essas vivências que foram sendo narradas.

Quarta-feira, 1º de abril

Quem escreve precisa, em algum momento, se encontrar (Dantas, 2019).

Hoje chorei horrores. Muito, muito mesmo. Chorei escondida. Chorei de raiva, chorei de tristeza. Há coisas que prefiro nem falar muitas vezes, para não ouvir nem o eco das palavras. Mas hoje preciso falar para a tristeza não me consumir.

O fato é que me vejo aqui escrevendo, sem filtros, curvando-me a mais absoluta necessidade de escrever para não transbordar.

Se eu pudesse traduzir em palavras o que estou sentindo hoje, emprestaria da personagem Lila Cerullo, do romance de Elena Ferrante, a expressão: 'desmarginação'. Desmarginação é o neologismo inventado por Lila para nomear a sensação que experimenta, mais de uma vez, de perder as margens, de dissolver as fronteiras entre si e o seu entorno. É onde está o assombro. Acho que por isso escrevo. Para não transbordar, para não desmarginar. No fundo tenho medo de desmarginar e fico guardando tudo isso para mim: sofro escondida, choro escondida. Sinto raiva escondida.

Com medo de não transbordar, voltei-me para dentro. E percebi que faz quase quatro dias que não falo sobre o avanço da doença no Brasil. Acho que fui tão egoísta que só pensei em mim, só falei sobre mim. De tão confinada, esqueci que tinha mundo, que tinha outros, que tinha doença, que tinha risco, que tinha epidemia e que mais pessoas sofrem. Hoje, no Brasil, há 6.836 casos oficiais da doença, com 241 mortes.

Quinta-feira, 2 de abril

O correr da vida embrulha tudo. A vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem (João Guimarães Rosa, 2005).

Aos poucos, vou aprendendo a ser resiliente. Acho que acabo fazendo isso por dever de ofício. Penso que as mulheres em geral possuem essa capacidade de se reinventar: fazemos isso menos por nós mesmas e mais pelos filhos e filhas e por outras mulheres. Ser resiliente nesta época é buscar forças nas nossas entranhas, não se deixar levar pela tristeza, pela angústia, pela lamúria.

É fato que não está fácil viver um dia após o outro. As notícias são ruins, prefiguram um estado de coisas para o qual não estávamos preparados. O problema da subnotificação no Brasil tem deixado o clima de incerteza ainda maior porque não sabemos como está a velocidade da contaminação e nem precisar o número de doentes e mortos. Ao mesmo tempo em que trago essa notícia do confinamento, sei que boa parte da grande metrópole que é Belo Horizonte está agindo como se não estivéssemos vivendo uma pandemia. Lojas funcionando, mesmo infringindo um decreto, barbearias e salões de beleza abertos e muitas pessoas ainda na rua. As pessoas definitivamente ainda não se deram conta da gravidade que estamos enfrentando. Não parece que temos quase 10 mil casos confirmados da doença e perto de 360 mortes. Embora o número seja alarmante, acredito que esta indiferença se deva, em parte, a um bando de malucos que ‘assaltou o país’ e o governa de modo distópico. São negacionistas (não acreditam na ciência), terraplanistas e fundamentalistas religiosos. Para se ter uma idéia do grau de loucura a que estamos imersos, o presidente da república disse que iria propor um dia de oração e jejum para acabar com o coronavírus. Enfim, podemos esperar as coisas mais absurdas em um país desgovernado. Por isso, tenho feito uma profunda imersão reflexiva, porque preciso do autogoverno em tempos de desgovernança. Preciso me sentir bem, equilibrada e confiante para ajudar sobretudo as pessoas com as quais eu convivo a fazer essa longa travessia imposta pela quarentena. Essa travessia

pode ser uma experiência limite e tal qual o romance *A linha de Sombra*, de Joseph Conrad, eu me vejo no comando deste navio, enfrentando minhas crises, as tempestades turbulentas que surgem no caminho diante da minha família, os tripulantes do navio. Como o jovem capitão, eu me vejo em dias de tormenta, outros de calma, evidências de que todas essas experiências compõem a nossa existência e é justamente isso que nos dá a consciência definitiva da nossa condição humana. Se por vezes me vejo insegura para conduzir esta nau sem rumo, por outro lado sinto um infinito desejo de aportar em algum lugar que me redefina e que acalme os meus sentidos.

É sobre essa existência que tenho refletido em um momento de suspensão da rotina, da vida cotidiana, dos afetos, das demandas institucionais. Nessa longa pausa compulsória e, pensando em uma metáfora náutica, tenho pensado até que ponto tenho assumido o papel de bússola durante esta travessia?

A minha autoexperiência esteve aqui ritmada tanto pela realidade cotidiana, através da imposição de tarefas, dos planos e conjecturas num contexto de incertezas, quanto pelos interlúdios que estruturam a minha vida temporalmente. Assim, a autoexperiência pode ser definida também como um *fluxo de consciência*, ou seja, ela me permite compreender, por meio da narrativa, as minhas vivências, na perspectiva de um processo de sucessão fixa que converte um agora em um agora recente e que se converte em um agora passado, pois toda vivência efetiva tem necessariamente um horizonte de passado e um horizonte de futuro.

Aos poucos, fui percebendo que para sair da sucessão de crises vivenciadas, era necessário repactuar o processo como eu vinha elaborando o meu registro diário. Reli os meus escritos e neles não estavam presentes marido, filhos, trabalho e meus dilemas pessoais, profissionais, de autocuidado e nem de autocultivo. Percebi que meu registro buscava, como signo de legitimidade talvez, trazer dados quantitativos sobre o número de mortos e infectados

e neste momento tive a certeza de que estava vivendo um processo de burocratização da experiência, por meio de escrita excessivamente cuidadosa e impessoal. Atribuo talvez ao medo de olhar as feridas abertas, as quais não haviam surgido evidentemente com a pandemia, mas talvez tivessem sido agravadas por ela.

A maiêutica

Buscando elaborar este novo estado de coisas, encontrei na literatura um dos instrumentos eficazes para sair dessa aporia, fazendo-me acessar outras experiências subjetivas, tornadas próximas de mim pelo aparato da linguagem e pelo hábito terapêutico da leitura. Entendo que aqui ocorreu em mim um processo de reconversão, que pelo respeito com as palavras, devo descrever pelo nome da maiêutica, tão conhecida entre nós pelo enigmático e revelador do discurso socrático.

Nesse exercício de experiência e narração, terei vivido, talvez, um processo de redescoberta, de um “voltar a mim”, de um reencontrar de meu lugar no processo narrativo em face desse novo estado epidêmico de coisas. Aceder ao mundo interior foi possível em parte por uma reconversão do cotidiano, propiciada pela imaginação literária e que prosseguiu na experiência narrativa a que me propus, por meio de registros e reflexões que se mostraram latentes desde o início da epidemia e que exigiram de mim uma espécie de autopermissão para narrar as experiências desse que foi também, como já se evidenciou até aqui, um processo de autodescoberta.

Domingo, 12 de abril

Só posso compreender-me através das ocorrências interiores. São aquelas que constituem a particularidade da minha vida e é delas que trata minha autobiografia (Carl Gustav Jung, 2016).

Cá estou eu, firme no meu processo de introversão. Há poucas horas no dia em que posso

viver este processo e escrever sobre ele. Mesmo assim, é o suficiente para eu entrar em conexão com a minha interioridade. Este registro tem me trazido algumas dúvidas: ao escrever e selecionar cenas da minha vida cotidiana, estou eu a contar histórias ou histórias que eu gostaria que as pessoas lessem sobre mim? A vida é um encadeamento psíquico sobre o qual podemos dominar apenas parcialmente. Para Jung, a história de uma vida começa em um dado lugar, num ponto qualquer de que se guardou a lembrança e já, então, tudo se complica. O que se tornará essa vida ninguém sabe. Assim me parece ser o processo de busca das experiências interiores; uma vez iniciado este processo, é difícil retroceder. Acho que isso só foi possível porque, nas palavras de Jung, o mundo eterno irrompeu no mundo efêmero. Uma situação extraordinária, a pandemia, foi o gatilho que me levou a este processo de interiorização das minhas experiências.

Não tem sido um processo fácil: me perguntei várias vezes a validade desse registro. Se eles são o que eu gostaria que eles fossem ou se eles de fato constituem uma caixa de ressonância daquilo que sou. As dúvidas são muitas, sobretudo aquelas relacionadas à legitimidade daquilo que escrevo. Mas sigo escrevendo, porque este processo tem sido um pouco curativo. Ao verbalizar o que sinto, o que sou e o que estou, sinto que vivo um processo de autoconhecimento. Esta pequena pausa para reflexão sobre a validação do meu registro penso que se deve a dois acontecimentos particulares: 1) daqui a 3 dias eu completo 1 mês de escrita; e 2) o Fábio me perguntou o porquê de estar escrevendo um diário. Eu não quis dar maiores explicações e tampouco quis que ele lesse aquilo que tenho escrito. Não posso negar que esses dois acontecimentos: o tempo e a curiosidade do Fábio tenham suscitado em mim um questionamento sobre o meu processo de ‘escrita de si’. Já me questionei também se sabendo que o meu tempo é tão precioso porque escasso, porque sinto prazer e quase um senso de dever ao registrar diariamente as sensações que experimento? Não encontrei respostas. Entretanto, tenho sido bastante sensível aos símbolos, aos sinais, aos emblemas, por isso, a leitura de Jung nesse momento. Continuo na busca incessante para

me compreender e acho que tenho usado da melhor maneira os instrumentos que me são disponíveis no momento. E posso dizer que o 'registro microbiográfico' tem me feito experimentar uma sensação de liberdade nunca antes vivida.

Terça-feira, 14 de abril

Na véspera de completar um mês de escrita 'microbiográfica', penso na razão desta atividade. Acho que o que estou fazendo não deixa de ser guiado por uma intenção fenomenológica: estou buscando o significado da experiência vivida, do *lebenswelt*, escrita após escrita. Assim, venho tentando entrelaçar minhas experiências objetivas com minhas experiências subjetivas e, a partir delas, o mundo das significações tal como ele se apresenta.

É essa mistura do vivido, o objetivo e o subjetivo, o consciente e o inconsciente, o individual e o social, o material e o simbólico e toda a ambiguidade que esse mundo representa que tenho buscado nas minhas reflexões. Já disse aqui que tenho usado muito o meu próprio espaço profissional para exercitar essa experiência, por meio do que tenho chamado de 'escuta clínica em sala de aula', ou mesmo insistido na necessidade do conceito de empatia, tão bem trabalhado por Carl Rogers. Seu conceito de 'mundo perceptual' estaria muito próximo da ideia de *lebenswelt*. Aqui tenho feito registros diários sobre a minha percepção de um estado de exceção, objetivamente presente na pandemia e, de outro lado, a percepção subjetiva de viver e existir neste período de confinamento, em que a interiorização surge não como um convite, mas quase como uma sentença.

Neste sentido, nossa vida jamais será a mesma. Este estado de suspensão que muitos de nós estamos vivendo de diversas maneiras, deixará marcas profundas em nosso espírito, em nosso corpo e também na maneira de relacionarmos com o mundo. Essa pandemia será um divisor de águas em muitos sentidos e exigirá de nós uma espécie de avaliação do que a vida tem feito conosco e do que estamos fazendo com ela. Acho que essa crise, ao fim e ao cabo, trouxe como consequência uma 'desaceleração' no modo como vínhamos fazendo as coisas. Para mim, a analogia da vida com o processo de fa-

bricação do pão ficou muito evidente. Há quanto tempo eu experimentava fazer esse pão cujo processo se inicia com a produção do próprio fermento? Eu simplesmente pulava a etapa da fabricação do fermento, pois dizia que não tinha tempo para isso. Eu tentei fazer esse pão por anos a fio, com muita teimosia, e ele nunca dava certo. Nunca crescia o suficiente, porque eu não tinha paciência e nem disposição para me curvar ao tempo que o processo de fermentação exige e cujo êxito está justamente na sabedoria de observar os fenômenos que interferem na matéria, como o tempo, o clima, a luz. Pela primeira vez em muitos anos, consegui iniciar um processo desde a sua concepção e criação, até chegar ao resultado de um produto que conseguiu se cumprir de maneira adequada.

Essa compreensão só foi possível a partir de uma das maiores crises sanitárias, cujo impacto na economia, nas relações de trabalho e na relação conosco mesmos não permite que avaliemos em toda a sua extensão e exatidão. O clima de medo e incerteza contribui, no meu caso, para que eu escreva exatamente tudo aquilo que penso, sem filtro e sem nenhuma censura exterior. A única censura que paira sobre mim é justamente a censura interior, pois me coloco em dúvida o tempo todo. Coloco em dúvida a pertinência dos meus registros, a sua fidedignidade. Mas isso não me importa muito, porque poder escrever como faço agora aquietou meu espírito.

O noticiário fala hoje que a subnotificação da doença no Brasil é tão impressionante, que devemos multiplicar por 12 ou até 15 vezes o número de casos das pessoas infectadas. Pela primeira vez, o Brasil tem 200 mortes em 24 horas. Segundo a mesma reportagem, o número de casos oficiais da doença chega a 25.262. Imagina se multiplicarmos isso por 12 ou 15?

Quinta-feira, 16 de abril

Eu sou eu e minha circunstância e se não a salvo, não salvo a mim mesmo (Ortega y Gasset, 2019).

Hoje completo um mês de registro diário. Cabe aqui talvez uma reflexão sobre este processo. O que aprendi nesses 30 dias sobre mim mesma? Qual a minha capacidade para lidar com

situações inesperadas? Como tem sido ficar confinada com a minha família dentro de um apartamento de pouco mais de 70 metros quadrado, dedicar-me quase que integralmente aos afazeres domésticos, dividir o tempo com o trabalho remoto e com as demandas escolares dos meus filhos, tudo isso em meio a uma pandemia, em um país que tem como chefe de estado uma pessoa desequilibrada? Um país tão desigual, de dimensões continentais, que não tem testado em massa sua população para o coronavírus e que, estudiosos do mundo inteiro calculam que devemos multiplicar por 12 ou 15 o número de casos notificados.

Se não bastasse o nosso contexto mais do que preocupante, hoje o presidente da república anunciou a demissão do ministro da saúde, por este último estar alinhado à quase totalidade da comunidade científica do mundo todo, ou seja, a defesa do isolamento social. Mas o nosso presidente diz estar preocupado com o 'emprego'. Ele acha que haverá vivos para ocupar as vagas de emprego se ele continuar com essa espécie de genocídio programático. Enquanto Bolsonaro tem 30% da aprovação popular, o então ministro da saúde gozava de 76% de apoio popular. Se o prognóstico do nosso futuro já era sombrio, com a demissão do ministro da saúde temos a sensação de estar em uma nau sem rumo.

A parte disso, tenho registrado aqui uma espécie de metamorfose pela qual venho passando durante esses 30 dias de confinamento. Aos poucos, a sensação de angústia vai cedendo lugar para uma postura compreensiva, inquisitiva, porém generosa diante dos acontecimentos. Este movimento de fora para dentro e de dentro para fora sobre o qual tenho debruçado não deixa de ser um objeto sociológico, a minha memória e a minha vivência como expressão de uma visão de mundo. É o que Roger Bastide definiu como alternância biográfica, ou seja, é o que permite ao sociólogo o estranhamento em relação a si mesmo, o ver-se como outro e objeto. Esse exercício que toma como objeto heurístico o próprio senso comum, faz de nós, pesquisadores, autores também do conhecimento primário que pré-interpretam fatos, situações e ocorrências, material da sociologia do conhecimento e da sociologia do senso comum,

como já bem observaram Berger & Luckmann. A metamorfose reflete uma disposição para a alteridade, momentos de transição cumprida no tempo, na experiência de uma única pessoa, um modo de dialogar objetivamente consigo mesmo e talvez passível de ser realizado por meio de um registro, diário ou mesmo de uma escrita autobiográfica.

José de Souza Martins, ao discorrer sobre o artesanato intelectual como ofício do sociólogo, dialogando com W. Mills, autor de *A imaginação sociológica*, fala da importância da própria memória, das lembranças e do esquecimento como fontes de dados sociológicos, para que o autor se situe socialmente e compreenda sociologicamente sua circunstância. Assim, a artesanaria intelectual pressupõe uma conversa com a humanidade do outro que resulta na humanidade do próprio sociólogo. No artesanato, o observador é observado, o decifrador é decifrado. Sem o que, não há interação. Sendo assim, essa metamorfose pela qual venho passando, revela como meu ofício está amalgamado com a minha condição, ou seja, como tenho me valido também do repertório da sociologia para buscar a compreensão das minhas interações com os outros, comigo mesma e com o mundo. Esses 30 dias registrando os recortes que faço do meu cotidiano, a forma como eu os interpreto e dou sentido aos fatos reflete em grande parte uma socialização do ofício da minha profissão e que exige uma boa dose de imaginação sociológica e de artesanato intelectual para simplesmente poder COMPREENDER.

Para encontrar novos caminhos para velhos dilemas, busquei inspiração em Alfred Schutz e Thomas Luckmann (2009). Foram esses autores que me inspiraram nesta travessia entre a realidade do mundo da vida e o mundo intersubjetivo, uma vez que para eles, o mundo da vida é intersubjetivo desde o começo.

Foi neste momento, ainda que de modo difuso, que me dei conta de que desde o início do registro era o meu mundo interior que estava sendo contado; era a minha vivência significativa que estava sendo examinada e narrada. Olhar para a minha "vivência significativa"

exigia de mim um olhar reflexivo sobre uma vivência decorrida, desvaída, bem circunscrita, ante todas as outras vivências na duração.

Assim, a narrativa que teve início como um acontecimento fático – a pandemia – pouco a pouco adquiriu uma forma temporal interna do eu – *a durée* – ou como Husserl (apud Schutz & Luckmann, 2009) a denomina, “a consciência interna do tempo”: o vivenciar na duração e o refletir sobre o vivenciado. Em pouco tempo, o meu registro adquiria o sentido do *voltar-se para*.

O *voltar-se para* foi a ocasião para um encontro comigo mesma que vinha sendo adiado durante muito tempo. Foi quando a situação da pandemia deixou de ser o centro dos meus registros para figurar no pé de página deles. Esta consciência adquirida durante este processo consistiu em um esforço de maiêutica, ou seja, em uma jornada interior que não se fez sem dor e coragem.

Isso porque toda essa vivência do agora tem um antes e um depois, porque cada ponto da duração pertence necessariamente a um passado e a um futuro; e foi revolvendo o tempo pretérito, o presente e o futuro que me descobri na narrativa e, enquanto narradora, experimentei um processo denominado por mim de autoexperiência.

As vivências são por isso bem heterogêneas, mas como lembra Schutz (2009), são *minhas vivências* e o fato de cada uma delas se ligar ao que lhe é precedente e à aquilo que lhe sucede remonta à essência da *durée*, na qual essas histórias são vivenciadas em fluida transição, e a essência do ato reflexivo de *voltar-se para* dirigido a estas faz delas vivências significativas, no sentido originalmente primeiro da palavra, sem com isso eliminar os horizontes temporais do antes e depois (SCHUTZ; LUCKMANN, 2009, p.120). São vivências pré-fenomenais e que se tornam fenomenais somente em um ato específico do *voltar-se para*.

Nesse sentido, a escrita diária correspondeu a uma perspectiva temporal responsável pela intersecção do tempo interior com o tempo do mundo. Olhando o meu registro de maneira retrospectiva, coloquei em prática o que Schutz e Luckmann (2009) chamam de “estilo cognoscitivo”. Ao afastar-me da vida cotidiana e da minha condição fática, afasto-me também da urgência de um motivo pragmático. O tempo padrão intersubjetivo da vida cotidiana não mais me governa e o meu mundo descrito está limitado por aquilo que encontro no meu *presente*, na minha *percepção*, na minha *memória* e no meu *conhecimento*.

Domingo, 19 de abril

David Le Breton, no livro *Desaparecer de si - uma tentação contemporânea*, discorre sobre um fenômeno bastante paradoxal nos dias atuais. Para nos sentirmos ligados aos outros, somos instados constantemente a experimentar o sentimento de ter um lugar no seio do vínculo social. Entretanto, vivemos em uma época de individualização dos sentidos, em que cada um se torna seu próprio dono e só precisa prestar contas a si mesmo. No entanto, de crise em crise, nossa sociedade produz cada vez mais indivíduos desafiados, isto é, em constantes rupturas com os laços afetivos, laborais, institucionais, morais etc. O indivíduo que não dispõe de recursos interiores sólidos para se ajustar, para conferir significados e valores aos acontecimentos, sente-se cada vez mais vulnerável. De quando em quando pode existir a necessidade de ‘desligar-se de si mesmo’, de desaparecer de si, fugindo das rotinas e preocupações.

Em mais de uma ocasião, eu mencionei neste caderno de notas uma sensação parecida. Citei uma expressão utilizada pela personagem Lila Cerullo, no romance *A Amiga Genial*, da escritora Elena Ferrante. A expressão é ‘desmarginação’, [...] ali onde está o assombro; onde se pode pensar a morte como uma criação literária, como o indizível que desencadeia a escrita. Por vezes, a empreitada que a vida exige é muito dura. Le Breton diz que hoje não basta nascer ou crescer, é preciso construir-se permanentemente, manter-se mobilizado, dar

sentido à vida. A tarefa de individuação não é algo evidente, ela é árdua sobretudo quando se trata de ser exatamente si mesmo. Para o autor, as coerções psíquicas invadiram o cenário social: há o esgarçamento de todos os laços sociais, uma espécie de desenraizamento e, por outro lado, uma cobrança de ser cada vez mais a autoridade de si mesmo e de se conectar com os outros quando isso lhe der prazer. Cita as grandes caminhadas, exercícios de meditação, leituras, audições musicais e outras milhares de atividades que nos permitem evadir do cotidiano e das malhas que aprisionam o sujeito em papéis difíceis de abandonar, mas pesados para ser assumidos por muito tempo.

Senti-me especialmente tocada pela leitura desse livro e das reflexões que ele suscitou em mim. Le Breton chama de 'branco' este estado de ausência de si mais ou menos pronunciada, 'esse fato de abdicar de si de um modo ou de outro por causa da dificuldade ou do caráter penoso de ser si mesmo'.

O mergulho à minha interioridade em parte propiciada pelo isolamento e, em outra parte, pelo exercício de formalização da minha atitude reflexiva exigida pela escrita neste caderno de notas me fez concordar com Le Breton quando o mesmo diz que 'a existência nem sempre transcorre na evidência, muitas vezes ela é de fato uma fadiga, um suporte em falso'.

Por isso, tenho sentido cada vez mais a necessidade de refletir sobre as ausências. O significado do desaparecimento nos espaços desocupados, vazios. Figurar em uma página em branco para não se perder, como diria Le Breton, para não correr o risco de ser envolvido ou atingido pelo mundo, 'aliviado do esforço de ser si mesmo'. Várias vezes tenho me perguntado se eu ou mais pessoas sofremos dessa busca constante de saber quem de fato somos e de como lidamos com a vontade de não sucumbir aos papéis e às representações sociais que a sociedade nos impõe desde o momento em que nascemos. Ou se para continuar existindo temos que nos recriar cotidianamente, ora nos esvaziando, ora sendo preenchidos pelos papéis que nos definem.

Essa é uma luta cotidiana frente ao medo de 'desmarginar-se', de se perder nas margens, de desaparecer de si, de se ver em dificuldade para transformar as coisas. A leitura e a escrita

me fazem vigilantes e velam pelo desejo e perigo de ver o mundo da outra margem. Por isso gosto de lembrar todos os dias na minha dolorosa e feliz presença neste mundo.

A epistemia

Analisar a estrutura fundamental do mundo da vida, imposta pelas condições fáticas da minha existência e dos limites inalteráveis de minha experiência e da minha ação e, finalmente, motivado pela minha finitude, representa um esforço de superação frente as forças que se apresentam e que se opõem em minha vida, mas restaurando o meu papel de agente consciente e responsável na interpretação dos fenômenos sociais. Esta foi a terceira dimensão produzida em mim pelo processo narrativo, a epistemia: através dela, pude reconhecer o meu papel de agente, daquele que interpreta o mundo e a si mesmo no mundo e, como tal, incorporando explicitamente na minha narrativa a temporalidade e a experiência biográfica como elementos indispensáveis para compreender as minhas motivações para a ação, consciente que o âmbito do factível está limitado de modo imediato por minha situação histórica e biográfica.

Sexta-feira, 16 de maio

A dois dias de completar dois meses de isolamento, continuo tentando entender a força do significado desta escrita para a minha existência. Tenho pensado todos os dias sobre o processo de estabelecer uma conexão íntima entre os acontecimentos, a minha narrativa e o ambiente situacional que nos cerca.

Em alguns dos meus registros, trouxe alguns desenhos do meu filho como exemplos das diferentes formas de expressão entre o sujeito e sua interface – a realidade. No caso da criança, o desenho parece ser sem dúvida o recurso mais imediato para registrar a percepção do encontro do eu com a situação, mediado sempre pelos acontecimentos. O desenho tem uma força imagética capaz de exprimir essa dimensão afetiva e imediata do mundo. E nós,

adultos? Sem dúvida, ao menos para mim, é a palavra que assume essa força.

Neste momento em que o mundo todo vivencia com maior ou menor intensidade e escalas de tempos variadas de acordo com a maior crise humanitária recente, ocasionada pela COVID-19, muitas pessoas devem estar vivenciando processos muitos semelhantes de interiorização dos seus sentimentos. Esse 'voltar-se' para si talvez seja o grande acontecimento, resultado dessa pandemia. Há uma questão incontornável para todos: como percebemos nossa experiência nesse mundo. A pandemia traz consigo uma totalidade de acontecimentos previsíveis e imprevisíveis: o que acontecerá comigo amanhã, será que teremos cura para essa infecção? Será que eu contraí o vírus e em 14 dias a minha vida pode ser virada do avesso? O que será que acontecerá com a economia do meu país e dos outros países? O que vai ser do amanhã? Como será a nossa vida daqui por diante?

O que tenho feito aqui durante esses quase dois meses de isolamento é descrever, narrar e refletir sobre uma soma de acontecimentos que me afetam, em uma determinada situação e que exige de mim um contínuo processo de adaptação.

Nos inúmeros registros, tenho falado sempre da minha *percepção*. Essa percepção, entretanto, varia conforme a minha escala de observação, conforme eu me aproximo ou me distancio do acontecimento, isso tudo depende do meu desejo e da necessidade de estar próxima ou distante das situações vividas e descritas. Ainda que elas sejam descritas de maneira subjetiva, porque são reveladoras da minha percepção, são vivências e experiências que são vividas objetivamente, portanto, esta relação pessoal com a escrita e com os acontecimentos extrapolam a dicotomia subjetivo x objetivo. De toda forma, todas essas notações me ajudam a encontrar um lugar de maneira equilibrada em um contexto em que todas as forças trabalham para produzir situações de grande instabilidade, temores, inseguranças e incertezas.

Hoje, vivi mais um dia de muita intranquilidade exterior: desde o período da manhã, havia rumores de que o ministro da saúde, empossado no cargo há menos de um mês, em uma sucessão de crises produzida pelo próprio governo, pediria demissão. O fato se consumou em al-

gumas horas. Embora ele não tenha explicitado isso em seu pronunciamento oficial, sabe-se que ele manifestava um explícito desacordo com o presidente sobre o uso da Cloroquina no tratamento da COVID-19. Bolsonaro insiste em fazer uso de um medicamento que não possui ainda evidência científica alguma, pelo contrário, as evidências científicas dizem que este medicamento aumenta o risco de taquicardia. E ao não concordar com o protocolo do uso deste remédio – a cloroquina – pelo Sistema Único de Saúde (SUS), o ministro pediu demissão. Assim, estamos à deriva no meio de pandemia. Sintome profundamente afetada por esses acontecimentos objetivos que refletem na maneira subjetiva de narrá-los e descrevê-los. O total de óbitos no Brasil hoje, mesmo levando em conta a subnotificação, é 14. 817. Vidas despedaçadas. Em 15 dias, o total de óbitos no Brasil triplicou.

Domingo, 17 de maio

Hoje completo 60 dias de escrita neste caderno de notas.

60 dias de isolamento. 60 dias em que a dimensão subjetiva da minha vida ganha centralidade diária. 60 dias de reconciliação comigo mesma, em várias situações e durante vários acontecimentos aparentemente anódinos. 60 dias de aprendizado. 60 dias de dificuldades. 60 dias de desespero. 60 dias de incertezas. 60 dias de grandes descobertas. 60 dias de vazio. 60 dias de sentido. Não sei nominar o que de fato estou fazendo. Às vezes, tenho a sensação de que estou registrando a psicologia da vida cotidiana. Estou coletando experiências do meu dia a dia e fazendo uma transposição das ideias para as palavras. Estas últimas, são representações mentais do meu processo de autoconhecimento, potencializado por uma situação limite que é o isolamento, vivido em razão de uma pandemia que assola o mundo inteiro nesta data. Reconhecendo o meu esforço analítico nestas condições, considero que tenho realizado uma atividade cognitiva, mas também perceptiva, por isso mesmo não consigo resumir minha escrita a uma atividade dicotômica entre o objetivo e o subjetivo. A estrutura que precede este trabalho é uma estrutura comunicativa. Eu escrevo essas notações não apenas para que este relato permaneça fechado em si mesmo,

mas para que ele possa comunicar a alguém, que possa estabelecer uma interação com outras pessoas. Uma relação enfim entre usuário e o mundo exterior. Ao fim e ao cabo, a intenção deste registro tem sido a de testar, para mim mesma, como é a minha intervenção no mundo, tomando a noção do tempo, da temporalidade, como algo imanente ao processo de percepção e de intervenção humana.

Essa experiência do vivido, feita em primeira pessoa, trazida um uma dimensão temporal singular – o isolamento – não permite a distinção entre o plano fenomenológico e o plano físico da minha ação. O horizonte da ação é a minha escrita. É a ela que eu me dirijo todos os dias ou em dias alternados para colocar no papel os processos de interação que estabeleço comigo e com os acontecimentos ao redor de mim. Neste empreendimento, minha interpretação do vivido passeia por várias ‘camadas temporais’ da minha vida: o meu passado, as lembranças da minha infância, o processo de fabricação do pão feito pela minha avó e retomado simbólica e materialmente por mim nesta quarentena, enfim, processos tanto cognitivos quanto perceptivos acabam sendo evocados no curso da transcrição da minha experiência.

Esse vai-e-vem temporal faz parte deste processo reflexivo. Parece que estou com um grande tabuleiro de quebra-cabeça nas mãos, um tabuleiro tridimensional, tentando encaixar as peças. Em alguns dias, tenho algum êxito, quando as peças se encaixam facilmente, encontram suas formas. Já em outros, faço um esforço enorme para preencher os inúmeros lugares vazios, troco peças, substituo por outras e assim vou tentando sobreviver, entre erros e acertos.

Considerações finais

Finalizei o parágrafo anterior falando em autodescoberta, talvez já dando a ver onde essa reflexão busca desaguar. Partí, como vimos, de um pequeno esforço de autoanálise, para mergulhar na literatura, e para enfim buscar me objetivar em um certo “estar no mundo”, que quero denominar aqui de “epistemia”. Uso esse termo com a liberdade de quem busca

articular dois termos não naturalmente relacionados entre si: “epidemia” e “episteme”. Faço isso, pois confio que a busca por um conhecimento do mundo se dá pela consciência desse estar no mundo, e para o bem e para o mal, hoje, nosso pensamento, nossa prática, nossa ciência, se organiza, entre outras coisas, por uma disputa do que significa pensar, agir, educar e viver em um momento de epidemia.

O coronavírus chegou ao Brasil em meio a uma grave crise de múltiplas dimensões: uma crise institucional por um cenário de grande pauperização da vida econômica e subtração progressiva dos nossos direitos.

Para Dunker (2020), a negação da COVID-19 por um chefe de Estado que, a rigor, deveria proteger a população, lembra a negação em Freud, para quem tanto ela pode ser inconsciente quanto um elemento consciente significativo. Negar a doença em um país tão desigual como o Brasil foi mais uma atitude negacionista do presidente da república que custou a vida de mais de 180 mil pessoas.

Essa negação também é tratada por Achille Mbembe (2016) como necropolítica, ou seja, uma derivação da biopolítica que, sendo capital e potência de produção, pensa a vida como um negócio de administração de populações. Em outros termos, temos a prática de deixar morrer e de negar o processo de extermínio, adoecimento ou desproteção que leva à morte. Enquanto a biopolítica nos oferece verdadeiros monumentos para o controle das populações – como a escola, os hospitais e os dispositivos de colonização –, a necropolítica se caracteriza pela lentidão, pelo adiamento e pela manutenção de situações de miséria e de desproteção (DUNKER, 2020, p.i)

Por isso, a lentidão do governo em tomar decisões de medidas protetivas, a negligência com os trabalhadores informais e as filas intermináveis em um único banco estatal para se receber o auxílio emergencial do governo. O

cenário é o de denegação da existência. Diante de tanto sofrimento, o governo inventa uma aporia para os brasileiros: salvar a economia ou a vida.

Assim, quase como um jogo de palavras, a pandemia e a epistemia nos ensinam a passar em revista a dimensão do tempo em nossas vidas. Finalmente nos damos conta de que a dinâmica que sustenta nossa modernidade tardia é o tempo de aceleração, como diz Rosa (2019). Esse tempo produziu uma espécie de adoecimento de muitos sujeitos, na medida em que carregamos o anseio, constitutivo em nós mesmos, por uma outra forma do *estar-no-mundo*.

Para Rosa (2019), o tempo não é uma questão ético-individual: meu tempo é sempre um tempo social, seu compasso, seus ritmos, perspectivas e horizontes estão fora do meu alcance. E eu devo aprender a articular este tempo com o tempo das minhas experiências, das minhas sensações, dos meus sentimentos. O tempo é também uma questão política, uma vez que as estruturas temporais definem como convivemos, o modo como vivemos, as escolhas que podemos e não podemos fazer diante do tempo.

Pensar, refletir, escrever, narrar e contar outras experiências de ressonância talvez seja uma das saídas possíveis diante da aporia colocada pela pandemia. O conceito de ressonância (ROSA, 2019) apresenta-se como uma concepção fundamental da fenomenologia – “ser posto em um mundo” ou “reencontrar-se num mundo que possui sentido para nós”. Esse reencontro, penso eu, é o encontro do sujeito e mundo.

Como o mundo, no qual somos dispostos, é constituído, ou, mais precisamente, que tipo de elo ou relação temos, ou podemos ter, com este mundo? Para Rosa (2019, p.i), essa é a experiência fundante a partir da qual a subjetividade e a consciência se desenvolvem.

Talvez seja essa forma de significar nossas experiências, através da relação conosco e da relação com o outro que realizamos experiências de ressonância, entendidas como dimensão social dos encontros com o mundo.

Nessa perspectiva, é preciso considerar o quanto é importante se sentir afetado, sentir-se envolvido ou mesmo tomado pelas suas experiências e vivências. Uma vez afetado, tal qual uma caixa de ressonância, conseguimos interagir de maneira responsiva com o mundo, através de uma atitude disposicional para a ação. Sentir-se afetado, narrar suas experiências em um processo dinâmico e intersubjetivo com o mundo, pode e deve realizar-se em um processo de autoexperiência, de narrar suas vivências a fim de que a veredicação induza na alma os efeitos da transformação.

Parte desses efeitos definiram, em certa medida, a minha situação sociobiográfica durante o cenário da pandemia. A crise experimentada durante a pandemia e aqui narrada em primeira pessoa colocou em movimento arcabouços epistemológicos e, quem dera, definiu novas formas de apreensão e elaboração do mundo. Entendo que este processo é também aquele que ancora os estudos biográficos, as narrativas, as histórias de vida, entre outros.

Referências

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória- Ensaio da relação do corpo com o espírito**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

DANTAS, Tatianne S. **Ali onde está o assombro**: Desmarginação e criação literária na Tetralogia de Elena Ferrante. 2019. 45fls. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2019.

DUNKER, Christian. **A Arte da Quarentena para principiantes**. São Paulo: Boitempo, 2020.

JOYCE, James. **O retrato do Artista quando jovem**. São Paulo: Ediouro, 1998.

JUNG, Carl Gustav. **Memórias, Sonhos, Reflexões**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2015.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. **Revista Arte & Ensaios**- Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais EBA, UFRJ, n.32, p. 123-151, dez. 2016.

ORTEGA Y GASSET, José. **Meditações do Quixote**. Campinas: Vide Editorial, 2019.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão Veredas**. São Paulo: Nova Fronteira 2005.

ROSA, Hartmut. **Aceleração-A transformação das**

estruturas temporais na Modernidade (tradução de Rafael H. Silveira). São Paulo: Editora da Unesp, 2019.

SCHUTZ, Alfred; LUCKMANN, Thomas. **Las estructuras del mundo de la vida**. 1ª ed., 2ª reimp. Buenos Aires: Amorrortu, 2009.

SCHUTZ, Alfred. **A construção significativa do mundo social- uma introdução à sociologia compreensiva**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2018.

Recebido em: 04/07/2020

Aprovado em: 11/10/2020

Maria Amália de Almeida Cunha é doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professora associada do Departamento de Ciências Aplicadas à Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Pesquisadora do Observatório Sociológico Família-Escola (OSFE) e Núcleo de Pesquisa em Desigualdades Escolares (Nupede). *E-mail:* amalia.fae@gmail.com